



FRANTZ FANON E A VIOLÊNCIA

Bianca Gabriele Gomes da Silva
Universidade Estadual do Paraná

O presente trabalho se insere no campo de estudos acerca das relações coloniais a partir das perspectivas abordadas por Frantz Fanon em seu livro "Os Condenados da Terra" de 1961. Temos como objetivo a análise das proposições desenvolvidas por Fanon sobre a utilização da violência para a liberação nacional e o processo de formação da consciência nacional. Frantz Fanon nasceu em 1925 na Martinica, período marcado pela possessão francesa. Fanon cresceu no seio de uma família classe média, desfrutando de uma infância confortável e uma criação tranquila. No ano de nascimento do autor, a pequena Ilha Caribenha era subordinada à política francesa, marcada por uma estrutura racial, sustentada pela administração colonial. O país já era considerado departamento de Além-Mar, analisado como um dos países em que a estrutura das classes era a mais rígida dentre os colonizados pela metrópole. O período presenciado por Fanon em sua infância e adolescência desempenharam um papel importante em suas reflexões futuras. Desde cedo, o autor se deparou com uma sociedade colonial, mas foi o contato com os soldados franceses que o fez perceber a disparidade racial presente socialmente. As obras de Fanon fundamentam-se principalmente na perspectiva colonial e como esta intervém no inconsciente dos povos colonizados. Em "Os Condenados da Terra", publicado em 1961, o último livro escrito na vida de Fanon, o autor analisa o panorama histórico e cultural da colonização e descolonização na Argélia. Como um estudioso da área da psiquiatria, Fanon não deixou de incluir as consequências do sistema colonial no mundo da psicologia do colonizado. Desse modo, o autor disserta sobre a violência em sua forma simbólica, definida como mais uma maneira de se introduzir a inferiorização na subjetividade do homem colonizado. Para o autor, uma das lógicas do colonialismo é a implementação de ações e ideologias que mantém os indivíduos colonizados em um nível inferior, tendo nessa prática extremamente violenta o objetivo do



exercício pleno da autoridade e do controle dos corpos colonizados. Para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal (FANON, 1961, p.36). O colonialismo não deixou de afirmar que o negro é um selvagem. Para o colonialismo o continente africano é um covil de selvagens, abarrotado de fanatismos, digno de desprezo e maldição divina. (FANON, 1961, p.220). É a partir desses processos de violência, que Fanon afirma que os colonos transformam de modo violento a forma de viver dos indivíduos colonizados, excluindo e ridicularizando sua cultura, negando sua história, escravizando homens e mulheres e os empurrando para áreas periféricas. Nos países coloniais a superioridade dos colonos é apresentada a partir da violência física e psíquica produzida principalmente por policiais e soldados, que introduzem a violência para a casa e mente dos colonizados fazendo-os acreditar em sua própria inferioridade. O colonizado que pretende colocar em prática o processo de descolonização está disposto ao uso da violência a todo momento, visto que a colonização e a descolonização são questões de forças relativas e, dessa forma, o colonizado entende que seu processo de libertação exigirá todos os meios de ação, principalmente a violência. Para Fanon, o reaparecimento de uma nação nova e a destruição das estruturas coloniais são consequências de uma luta violenta do povo independente. A violência do regime colonial e a contra-violência são proporcionais, equilibram-se numa homogeneidade recíproca e extraordinária e quanto maior for a sobre-exploração metropolitana, maior será a violência acumulada nas mãos do colonizado. Descobre-se que a violência é atmosférica, que se instala e assola o regime colonial. Fanon considera que a violência ilumina, porque aponta para os meios e para os fins, a violência se torna uma força de limpeza, liberta o homem colonizado do seu complexo de inferioridade. A violência eleva o povo à altura do dirigente. O combate contra os colonos, somente poderia ser possível através de um único ideal, o nacionalismo como artifício político para a efetivação dos povos. O nacionalismo não se caracteriza como uma ideologia política. Se há o interesse em livrar o país do retrocesso, seria necessário se desprender da dita consciência política, marcada pela presença da burguesia nacional e colonizada, e dirigir-se em direção à consciência nacional e de libertação.